

Entrevista com José Francisco Costa

Francisco Cota Fagundes

José Francisco Costa nasceu nas Capelas, S. Miguel, Açores. É casado com Lourdes O. Costa. O casal, que reside em Smithfield, Rhode Island, tem três filhos (Tiago, Teresa e André) e seis netos. Possui o Doutorado em Literatura Portuguesa Contemporânea, da Universidade de Massachusetts Amherst e o Mestrado em Estudos Portugueses e Educação Bilingue, da Universidade da Brown, Rhode Island. Frequentou o Seminário de Angra do Heroísmo e a Universidade Católica Portuguesa, e bacharelou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. José Francisco Costa tem publicado poemas, contos e ensaios em jornais, revistas e antologias, nos Estados Unidos e em Portugal. É autor das seguintes obras: *Crónica do 25* – contos; *Mar e Tudo* – contos; *E da carne se fez verbo* – poesia; *Ficou-me na alma este gosto* – poesia; *Terra do Papá, Ilhas de Vavô* – memórias; *A Correspondência de Jorge de Sena – um outro espaço da sua escrita* – tese de doutoramento *Estórias do Tempo* – crónicas; *Mar e Tudo e Outros Casos*; Traduziu e coeditou o livro *Saudades*, de Frances Dabney. É autor de composições musicais interpretadas pelo *Duo Ouro Negro*, o *Grupo de Cantares Belaurora*, *Carlos Alberto Moniz* e outros grupos e intérpretes dos Açores e da diáspora. Lecionou em Setúbal, Amadora e Loures. Radicado, desde 1978, em Rhode Island, tem continuado a sua atividade como professor em escolas portuguesas e americanas. Foi diretor pedagógico da Escola Portuguesa de East Providence. É professor de Português e foi o fundador e diretor do *Luso*Centro no Bristol Community College, em Fall River, Massachusetts.

José, obrigado por aceitares conceder esta entrevista. Sei que, como professor jubilado, algumas das perguntas pedem respostas que implicam funções que já não exerces. Fico-te grato na mesma. Sei que as tuas reflexões serão de benefício para colegas ainda ativos.

Como co-autor (com Francisco Cota Fagundes e Sílvia Oliveira) duma antologia pedagógica em progresso, *Margens/Margins: uma antologia pedagógica da literatura da diáspora lusa norte-americana*, dá-nos as tuas impressões acerca da quantidade e qualidade desta literatura escrita por migrantes portugueses e seus descendentes. Como sabes, essa escrita da migração já tem mais de cem anos, mas só nos últimos 40 vem atingindo um nível que a mim me parece inegavelmente digno de estudo. Que te parece?

Antes de ir diretamente à resposta, devo dizer que uma das razões que me levaram a aceitar o seu desafio para participar na organização da antologia foi o não querer desperdiçar a oportunidade de conhecer mais de perto - em termos qualitativos e quantitativos – o verdadeiro manancial escrito que já existe (e continua em produção) sobre a nossa experiência diaspórica. Embora seja o primeiro a reconhecer que qualquer antologia, por mais abrangente que seja o seu propósito, terá sempre os seus limites de espaço e tempo, penso que terá chegado a altura de arriscarmos a organização de um repositório literário, balizado por temas e tópicos, que permaneça como ponto de referência e objeto

de análise do que espero venha a ser o futuro da literatura norte-americana, a ser estudada e ensinada em todas as escolas deste país.

Para que tal aconteça – e aqui vai a outra parte da resposta – torna-se necessário organizar um *corpus* onde estejam identificadas e sinalizadas as obras escritas por homens e mulheres que têm conseguido interpretar por escrito a caminhada lusa por este país de todos nós. A meu ver, a quantidade e a qualidade das obras escritas, tanto em português como em inglês, sobre a nossa presença na América, justifica a organização de uma antologia que se destine não só ao grande público, mas, em especial, aos mais jovens, professores e alunos, que hão de continuar a memória da nossa passagem por aqui.

Para os nossos colegas mais jovens, que recomendações farias para quem estivesse a contemplar a preparação dum curso universitário sobre LDP? E a nível de escola secundária?

É importante familiarizarem-se com a comunidade migrante da área onde está implantada a escola/universidade. Os professores e alunos de um curso desta natureza poderão, no contacto com sinais ainda vivos do nosso estar por aqui, “ler” mais sobre o contexto de referência para além dos textos que lhes serão disponibilizados.

Uma outra “ferramenta”, quanto a mim, indispensável, tanto para o nível universitário como para o secundário, é o conhecimento do “background” cultural dos estudantes. Com isto refiro-me não só à sua proveniência étnica como também ao grau de convivalidade com a problemática e/imigrante. Para tal, o mais seguro é que cada professor/a prepare, à partida, material escrito e áudio visual que revele, com algum rigor, o contexto dos textos. Ou seja, os alunos deverão aperceber-se de que há uma experiência humana com uma história individual e coletiva que provocou o aparecimento de uma escrita específica.

Tens cultivado a poesia, o conto e a crónica, e tens feito traduções de obras literárias. Como é que, como escritor e professor, caracterizarias esses géneros? O que é, para ti e sucintamente, um poema, um conto literário, uma crónica?

A sua pergunta merece uma resposta na forma de um ensaio que eu, respeitando o advérbio por si sugerido, reduzo à expressão mais simples que me é possível e familiar. Até porque, se tentasse desenvolver neste curto espaço o que penso e sei sobre o assunto, iria forçosamente cair no ridículo costume de dizer (mal) o que já está (bem) dito e escrito. Aqui tem a minha impressão “sucinta” sobre cada uma destas formas externas a que deito a mão quando quero dizer o ainda por mim não dito. E aqui entraria para já a questão subjacente ao que penso sobre a originalidade da minha escrita. Aquilo que escrevo será mesmo poesia? Ou não passará de um conto que nasceu prematuro, reduzido à insignificância de algumas linhas a que se convencionou chamar de versos? E não será a crónica a redação do instante que eu não fui capaz de condensar como (parafraseando Jorge de Sena) o testemunho de uma experiência de vida? O poema é o reflexo da *poesia* que todos sentimos por dentro e por fora do nosso existir. É uma linha de palavras que só ganha algum sentido se, no fim do espaço em branco criado pela surpresa de não dizer mais, existe a possibilidade do encontro com a realidade que a escrita pretende desvelar. O poema é uma entidade surpreendente, prenhe de signos à espera do meu “Ler”. O refente de “meu” já não sou “eu”, escriba e transmissor da mensagem. É o leitor comigo. Daqui a imensa dinâmica interpretativa que a condensação formal do poema permite. Parafraseando alguém que todos conhecemos, eu diria que o poema finge, mente, faz doer e diz a verdade. Por exemplo: se eu fosse capaz de refletir no branco da página o olhar de uma pomba doente, poisada no cimo de uma parede, tremendo inquieta que eu dê pela sua presença; se me fosse possível apontar numa linha o que me disseram dois olhos e um xaile quando me despedi da minha avó para, aos onze

anos, entrar no vão escuro de um seminário, casa enorme numa cidade que eu desconhecia; se a mão e alma me dessem a alegria de pintar na alvura de um qualquer espaço (mesmo que fosse o de um guardanapo quieto e pasmado no meu amanhecer de avenida marginal) o abraço de eterno contentamento entre homens e mulheres, novos e velhos, que se encontram depois de tantas despedidas; se eu pudesse escrever, com a verdadeira cor de todos os tons, a ilha de água, madre-pedra que tenho a felicidade de saborear há já dezenas de anos... O poema é uma manhã serena, uma tempestade, um beijo doce, um abraço sentido, um dia amargo, uma noite serena, preia-mar de novidades, maré seca de inquietações. E, quando menos espero, escrevo uma linha que me diz quase tudo, por um instante. Depois, morre no silêncio de um ponto final. Nasceu um poema?...

Como todos sabemos, o conto é uma narrativa curta. Mas tal não significa que esta forma, geralmente em prosa, seja um parente pobre da novela e do romance. Todos conhecemos contos que valem por muitos romances. Tive um professor que me dizia que “tudo tem a ver com a estética”. Em poucas linhas – e evitando propositadamente aborrecer os leitores com formulações teóricas – deixo escorrer a intuição, resultado do meu esforço de criação e da minha prática de escrita. Assim, entendo o conto como um capítulo alargado de uma narrativa que eu poderia resumir em poucas palavras. Ao escrever, vou dando vida, tempo e espaço às personagens, tentando que elas ressuscitem do silêncio da minha imaginação. O conto faz-me dizer quase tudo em pouco tempo. Devo acrescentar que, quando escrevo um conto, sinto-me mais próximo da síntese poética do que da extensão narrativa. Por tal, considero o conto como um romance, ou novela, em embrião em que levo ao limite a minha capacidade inventiva e criadora.

No que respeita à crónica, tal experiência resultou de um compromisso assumido com Carlos Sousa, na altura proprietário e diretor do já extinto *Jornal do Norte*, das Capelas, que me convidou para continuar uma rubrica semanal que fora deixada em suspenso. O que posso dizer sobre este género, hoje sobejamente utilizado em jornais e revistas, e desde sempre cultivado por grandes nomes da nossa literatura, é o que tentei pôr em prática nos textos que escrevi, e que foram posteriormente reunidos em livro. A crónica é um texto curto, condensado, em estilo “coloquial”. Tem como objetivo principal atrair o destinatário para o seu próprio contexto vivencial. De carácter incisivo, a crónica é também o testemunho escrito, sinal e registo das ocorrências marcantes da história do nosso presente.

Numa bibliografia de obras primárias da diáspora lusa na América do Norte (EUA e Canadá), apurei os seguintes dados: um total de 200 escritores; 238 livros, incluindo *chapbooks*, de versos; 53 romances; 43 volumes de crónicas; 27 autobiografias; 37 coletâneas de contos; 11 livros de teatro; 11 novelas; 6 narrativas ou obras afins do romance ou conto; 14 antologias, algumas só de poesia, outras só de prosa, a maioria de ambos os géneros. Algumas surpresas? Por favor, elabora.

Há razões para me surpreender, a primeira das quais tem a ver com o número de escritores e escritoras da nossa diáspora. Não esqueçamos que a grande maioria da nossa emigração se deveu à falta de condições económicas. Mas também é certo que a pobreza tem uma irmã da desgraça, que se chama a falta de instrução. Naturalmente que a grande parte de quem saiu da terra de origem veio com um único, e mais do que justificado objetivo: trabalhar para ganhar dinheiro e ter uma vida, pelo menos decente. Mas, ao contrário da parábola/anedota que enche as ruas da América com notas verdes, o processo de inserção na sociedade de acolhimento é longo e penoso, ultrapassando mais do que uma geração. É por tal razão que me surpreende o facto de, apesar da caminhada muitas vezes dolorosa não permitir tempo de concentração para outra coisa que não seja a sobrevivência no país estrangeiro, ter havido tanta gente a escrever e a publicar.

A minha outra surpresa diz respeito à variedade de géneros literários que os autores escolhem para lastro da sua criação. Seria de esperar que a poesia e a prosa (romance e conto) fossem em número

muito superior aos outros géneros. No entanto surpreende-me o elevado índice de outros géneros, como é o caso do teatro, das autobiografias e das antologias.

Finalmente, surpreende-me, pela positiva, o número de mulheres que decidiram pôr em escrito, e com a sua autêntica voz, a nossa experiência de e/imigrantes.

A tradução tem sido, e continua sendo em alguns setores, denegrida ou aceite com alguma relutância. Como tradutor, como é que caracterizarias a tradução literária e sua importância, sobretudo na diáspora?

A tradução tem sido, desde os meus tempos de estudante de latim, um exercício mental profundamente orientado para a descoberta da realidade que eu acredito estar presente na estranheza das palavras. No meu entender, traduzir vai muito para além do exercício mecânico que implica a transferência do texto de um código linguístico para outro. Limitar a tradução a uma tal circunstância é correr o risco de aceitarmos, à letra, o velho aforismo italiano “Traduttore, traditore”. Sou o primeiro a aceitar que traduzir (literariamente, e não só) é muitas vezes abrir a porta ao escuro, em busca do significado. E eu pergunto-me: e quantas vezes, inconscientemente, não escondemos, complicamos, o significado dos nossos próprios textos escritos na nossa língua materna? Por estas e outras razões (o não ter tempo, por exemplo) é que tenho limitado o meu exercício de tradutor.

O número de obras de nível literário, em Português e Inglês, na nossa Diáspora, constitui importante razão para refletirmos sobre a necessidade de tradutores e tradutoras com formação académica nas duas línguas. Aproveito o ensejo para deixar aqui uma palavra de reconhecimento pelo esforço desenvolvido nesse sentido pelos centros e departamentos de Português da Brown University, UMass Dartmouth, UMass Amherst, Rhode Island College, BCC *Lms*Centro e deixo aqui a sugestão para que seja criado, em parceria com todas estas entidades, um programa de tradução até ao nível de doutoramento.

Que eu saiba, não há estudos dedicados a escritores e obras – principalmente poesia, mas também conto, autobiografia, romance – autopublicadas por estreantes. Até hoje, essas obras atraem pouca atenção por parte de estudiosos da literatura. Como explicas esse fenómeno de edições de autor que, pela dimensão quantitativa que já atingiu, parece ser comum na diáspora?

Penso que tal “fenómeno” tenderá a materializar-se cada vez com mais frequência. A razão prende-se com dois fatores, à partida, independentes. O primeiro tem a ver com o aparecimento das novas tecnologias de impressão e reprodução dos textos escritos. Hoje é muito mais fácil dar à estampa um livro e distribuí-lo, mesmo que seja em pequenas quantidades. No entanto, o fator de mais peso prende-se com a necessidade, sempre presente em quase todos nós, de deixar para a posteridade o relato e a notícia escritos da nossa caminhada por aqui. Importa realçar também a tomada de consciência, por parte das segundas e terceiras gerações, de pertença a um passado que ainda vive entre nós. Felizmente há jovens que, com o tempo, vão recuperando a memória do que viveram na infância, do que viram e ouviram pela boca de pais e avós, do que lhes foi transmitido sobre a experiência e-imigrante.

O facto de tais obras não terem ainda despertado a devida atenção dos “estudiosos da literatura” terá a ver com a sua escassez no mercado livreiro, bem como com a própria estrutura dos currículos das instituições que oferecem programas de Português e/ou estudos luso-americanos.

Como migrante, escritor e professor, como é que a experiência da migração, da escrita e do ensino se têm inter-relacionado na tua vida?

Não me defino recorrendo a compartimentos. Sou tudo isso – migrante, escritor e professor - ao mesmo tempo, mas a níveis vivenciais diferentes. Um todo em circunstância. Estou, quase desde o berço, marcado pelo selo da ida e da volta. Primeiro, nasceu-me nos olhos da noite uma ilha vinda do mar: Santa Maria, aos oito anos de idade. Depois, a viagem mais difícil da minha vida: das Capelas para um seminário existente num lugar que eu só conhecia pelo nome de “cidade”. Dessa cidade de Ponta Delgada, e durante grande parte da minha juventude, embarquei-me para a Terceira, onde, aos poucos, me fui apercebendo da largueza do mundo. E veio o continente, com Lisboa e Setúbal como portos de arribação do que ia sendo o meu destino: a universidade, a tropa, o ensino, o casamento, a família. Por fim, quase a meio da vida, atravessei o mar. Desembarcado em Boston, vou ficando por aqui, em convivência, de intensidades diferentes, com os três extratos da nossa sociedade – a comunidade imigrante, a luso-americana e a americana. O que escrevo tenta refletir todos os passos que acabo de enunciar.

Consideras-te um escritor açoriano ou um escritor da diáspora açoriana na América, ou ambas as coisas? Que significam, para ti, essas rubricas? Uma rubrica é algo que cada um deve assumir ou rejeitar para si, ou algo que as circunstâncias objetivamente ditam ou impõem? Por favor, explica.

A minha resposta só poderá ser um corolário da anterior: escrevo em forma de simples testemunho do que tenho vivido e sentido durante esta minha experiência de viageiro. Por tal, não me sinto bem com rótulos e “rubricas”. Por um lado, a ilha não me deixa; por outro, sou como a garça, de olhos desejosos por cima do mar, à procura de outra margem. Para esclarecer o meu ponto de vista, permita-me uma auto-citação, retirada de um texto que aborda esta temática: “Porque, afinal, ser açoriano tem mais a ver com o que sinto do que com o que realmente sou. Neste meu andar pelo mundo, vou sendo cada vez mais um ser adaptado - que não subjugado – ao que a vida me proporciona. Parafrazeando Onésimo Almeida, sou uma realidade hifenada, um açor-luso-norte-americano. Esclareço, porém, que a ordem das partes desta identidade tem tudo a ver com a minha história de vida, que é sempre recente até ao seu último dia. Assim, vou procurando manter os elementos juntos, pese embora as desarmonias de percurso. Com efeito, nesta altura da vida, receio que, em se perdendo uma das partes, eu deixarei de ser. Por outras palavras: a vida fez-me assim.”. Nasci na ilha e trago-a comigo. Criado em cima da rocha, o mar que eu bebi mais o leite da minha mãe fizeram-me aprendiz do gosto, e algum travo, da novidade de outras terras. Escrevo o que sou.

Fala-me da manutenção da língua e da cultura portuguesas na diáspora. Sentes-te totalmente integrado na comunidade linguística portuguesa, ou afastado dela? E da cultura num sentido mais amplo: sentes-te ancorado na cultura luso-açoriana? E onde é que a "cultura americana" e o “uso da língua inglesa” se encaixam nessa mistura e como é que ambas se afetam mutuamente? Que papel pode a literatura da diáspora representar na manutenção da língua e da cultura lusas sem o apoio da migração contínua?

Costumo dizer que (passe o exagero), quando emigrei, já trazia a alma nacionalizada. Por mais tempo que viva nos Estados Unidos, a minha língua de peito é o português. O mesmo se deverá aplicar, em geral, a todos e todas que aqui chegaram na idade adulta. Mas tal não significa que não tenhamos aprendido e assimilado os traços fundamentais e característicos da cultura norte-americana através, sobretudo, da aprendizagem da língua que os revela e transmite. Só assim poderemos dizer que somos cidadãos, por direito próprio, dos dois mundos a que pertencemos. De outro modo, acabaríamos por viver à margem da história que temos obrigação de “escrever” com o corpo e a alma. Por essa razão

regozijo-me com o aparecimento de obras literárias escritas em inglês, e que abordam temas relacionados com a nossa e/imigração. Aqui deixo também o meu reconhecimento ao esforço de Universidades como a Brown e a UMass em publicar e traduzir obras de autores da literatura lusófona e luso-americana.

Porque ninguém pode prever para quando a extinção de uma língua, acredito que o Português se irá manter enquanto perdurarem as nossas mais profundas raízes culturais e as suas manifestações a nível comunitário. Mas não tenhamos ilusões sobre a continuação da sua pureza original, como veículo de comunicação de pequenas comunidades como são as nossas, e num mundo cada vez mais aglutinador e ávido de massificações de todo o género. Com o andar do tempo, a comunidade falante de português tenderá a diminuir, e o número de escritores e leitores também. A “literatura da diáspora” será, por um lado, o reflexo de tal situação; por outro, continuará a ser um fator de grande importância no esforço de manutenção da língua e da cultura.

Achas que os professores universitários, como nós, temos conselhos a dar aos colegas mais jovens, ou é necessário que cada geração reinvente, ela própria, a sua roda? Como é que ora leção da literatura da diáspora poderia, ou não, ajudar a manter os Estudos de Português sobretudo nas comunidades lusas da América do Norte?

Quanto mais se escrever e publicar maior será o campo referencial ao dispor de professores, alunos e outras pessoas interessadas no estudo da nossa língua, história e cultura. Penso que a “roda” já anda, felizmente, a girar. Espero que esta nossa conversa sirva como contributo para manter o entusiasmo à volta de questões que servem o propósito de manter o entusiasmo daqueles que nos vão seguir. Aqui deixo uma palavra de parabéns pelo esforço de continuação e renovação dos Estudos Portugueses sempre continuado pelos nossos colegas mais novos.

Por favor, tem a bondade de responder a uma ou duas perguntas da tua lavra e que eu não fiz.

Fez todas as perguntas, e tão bem feitas que eu não tenho mais respostas. OBRIGADO.